

Fechem os olhos que aqui tem bicho que pica os olhos e cega

Retornamos ao escuro total, ao breu cego, novamente apenas ouvindo o facão de Jeorokat funcionar. E sentindo a canoa trombar e balançar.

– Sô Valto, o senhor e D. Kika fechem os olhos que aqui tem bicho que pica os olhos e cega.

– Tá certo, Tawé.

Mas como ele vê que meus olhos estão abertos, se nem eu mesmo os vejo? E como ele sabe também dos insetos que picam os olhos? Só me resta pensar o impossível, só pode haver uma explicação: eles enxergam, eles conseguem enxergar mesmo nessa escuridão total! Eles são gatos, são cobras! Só pode ser isso! Senão, como remar aqui dentro e abrir caminhos? É incrível, mas só pode ser isso mesmo! Eles têm olhos para ver à noite. A canoa não precisa de farol, lanterna ou outra luz – a luz está nos olhos deles. Eles são criados no mato, na noite, sem sequer saber o que é luz elétrica. Isso certamente força o desenvolvimento de sua visão.

A flauta que comunica à distância, o falar baixinho, quase inaudível – e que é também um instrumento de sobrevivência – e agora os olhos que veem à noite. Vamos conhecendo os equipamentos dos Mõnjoroko.

– Sô Valto, melhor agachar outra vez no fundo e esconder a cabeça e os olhos nas mãos.

Nós nos “deitamos” novamente e daí a pouco escutamos uns zumbidos, parecidos com abelhas. Apertamos mais as pálpebras, tampando qualquer cantinho por onde um bichinho daqueles – que tamanho teriam? – pudesse penetrar. Eles continuam a remar do mesmo jeito e algum tempo depois Tawé nos libera para nos sentarmos e abriremos os olhos.